

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

Aníbal Muniz Silvany Neto
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória

Entrevistado – Aníbal Muniz Silvany Neto (AM)

Entrevistadores – Tania Maria Fernandes (TF); Eliene Rodrigues (ER) e Joel Nolasco (JN)

Data – 16/05/2016

Local – Rio de Janeiro

Duração – 1h22min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SILVANY NETO, Anibal Muniz. *Aníbal Muniz Silvany Neto. Entrevista de história oral concedida ao projeto Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória*, 2016. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 42p.

Projeto: História da Saúde Coletiva no Brasil

Entrevistado: Aníbal Muniz Silvano Neto

Data: 16 de maio de 2016

Local: Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA)

Entrevistadores: Tania Maria Fernandes (coordenadora); Eliene Rodrigues (bolsista) e Joel Nolasco (bolsista)

Legendas: trecho inaudível: [?]; pausa: [...]

TF: Entrevista realizada com Professor Aníbal Muniz Silvano Neto para o Projeto a Saúde Coletiva na Universidade Brasileira, no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA desde suas origens no Departamento de Medicina Preventiva da UFBA, desenvolvido pela Casa Oswaldo Cruz e o Instituto da UFBA em 16 de maio de 2016, entrevistado por Joel Nolasco, Eliene [Rodrigues] e Tania Fernandes.

Bem professor, como eu estava lhe falando, a nossa perspectiva é perceber a saúde na Universidade, a saúde coletiva, a medicina social, tem vários nomes que são, que compõem aí, um quadro grande de perspectivas. Então que queria que você desde a sua formação, a opção pela medicina, a opção em particular por esta área, diferenciada e a sua chegada no departamento e depois a gente vai seguindo.

AM: Bom, meu pai é médico, o meu avô é médico isso deve ter me influenciado a querer fazer medicina. Pensei em outras coisas, mas, terminou sendo determinante eu fazer medicina. Entrei para fazer medicina, e logo, logo [...] não. Não logo, logo, mas ao longo dos anos de formação eu percebi a limitação nas práticas terapêuticas. Isso me levou a pensar em Medicina Preventiva. E, dentro da Medicina Preventiva, abre um leque enorme, porque também as limitações em práticas preventivas, estreitas. Vacinação por exemplo. E a gente, quer dizer, se a gente está se, sinceramente comprometido em alterar o quadro que a gente ainda vê, da maioria da população que é de muita necessidade. Muita precariedade de serviços de todo tipo, inclusive de saúde, eu aí diante desse quadro eu comecei a pensar na política. Quer dizer, tem que se pensar na política para se fazer Medicina Preventiva, porque tem que se mudar o contexto onde as pessoas estão vivendo,

pra isso tem que se fazer política.

Muitas, várias pessoas estavam pensando da mesma maneira. Então houve um período [...] não era a maioria, era uma minoria das pessoas, mas nos departamentos de preventiva, havia um número muito considerável de pessoas, em um certo período, da história do nosso país com essas ideias, com essa mesma trajetória parecida. Outros até que eram mais velhos, puderam até ter uma participação mais intensa. Porque eu quando houve o Golpe de 64, eu tinha 10 anos de idade, se eu fosse um pouquinho mais velho eu não sei o que poderia ter acontecido, minha vida poderia ter sido diferente. Minha revolta era muito grande e eu ia querer, eu ia querer [...] não sei. Eu não sei se eu teria coragem suficiente para fazer o que outros fizeram, alguns tão enterrados. Faço aqui uma homenagem a eles, e alguns deles a gente não sabe nem o nome. Só sabe dos mais famosos. Aproveito e homenageio aqui gravado a essas pessoas que estão enterradas e que tiveram a luta mais radical que a minha, pela saúde pública, inclusive e por questões mais gerais. Mas o fato é que muitas pessoas tiveram trajetória parecida, outros [...] Ficaram pelo caminho, é isso que eu queria dizer, mas os que não ficaram pelo caminho como eu, estou aqui vivo ainda, a gente cada um deu uma contribuição na luta contra a ditadura e dentro desse caldo da luta contra a ditadura, muitos projetos começaram a ganhar força na área da saúde pública, da Reforma Sanitária. Na perspectiva de uma saúde mais coletiva, menos individual, menos mercantil [...]

TF: Você participou na reforma sanitária? Como foi sua participação na reforma?

AM: É [...] discussões do CEBES debates. Eu escrevi alguns textos por CEBES aqui da Bahia, todo mundo conhece. CEBES [...] ainda existe, viu? Não tem a visibilidade que tinha antes, tinha uma visibilidade boa, era quase um OAB da saúde, entendeu? A OAB falava naquela época tinha uma ressonância grande. O CEBES tinha uma boa ressonância, mesmo na época de [Sergio] Arouca [...] então a minha participação não foi como liderança oficial, eu era um militante. Quiseram que eu fosse coordenador do CEBES aqui eu não me sentia capaz, não aceitei. Mas cheguei a escrever textos, ia a todas as reuniões [...] Bom, isso na parte institucional. Na parte não institucional eu [...] Fiz política, nunca fui vereador, nem deputado, mas pertencia a partido clandestino.

Pensando em mudar a sociedade, mas aí dentro do departamento era médico, tava dentro do Departamento de Medicina Preventiva, pra mim estava tudo ligado, era uma coisa só.

Então dessa maneira, você perguntou como é que participou da reforma sanitária, das maneiras que me senti capaz de fazer, entendeu? Eu nunca fui nem vereador, nem deputado, nem presidente de [...] cheguei a ser secretário, segundo secretário da Associação Baiana de Medicina, dentro do movimento de renovação médica, liderado por Luiz Umberto Pinheiro. E gestões subsequentes a ele, de pessoas que, tentaram seguir o mesmo caminho, eu fui de umas das diretorias da ABM. Bom...

[...]

TF: Mas antes, quando você estava na faculdade, quer dizer, como é que foi essa tua opção na Faculdade para Medicina Preventiva? Ou a saúde pública [...] ou essas áreas que [...]

AM: Foi esse movimento, cada vez fazendo mais política, cada vez vendo mais limitação na medicina curativa. Para mim [...] significava muito pouco cada vez que, cada ano que passava na minha formação, eu via [...] eu não me sentia motivado a fazer medicina curativa. Ao contrário foi crescendo essa vontade de intervir [...] Nos, no contexto que gerava as doenças. De uma maneira fortíssima, tanto que eu fiz a vida toda isso. Deixa eu ver [...] vá perguntando aí.

TF: Não, então, aí você optou, você fez, quando você estava na faculdade ainda, você participou do departamento [...] ou foi só depois que você se formou que você se aproximou do departamento? Foi aluno, foi monitor, foi como?

AM: Está bom. No internato, eu fiz numa escola particular chamada Escola Baiana de Medicina. Ainda existe. Então quando eu estava no [...] Entrando para o 6º ano. Você se formou lá? Você é de história, eu sei.

[vozes sobrepostas]

TF: Não, não [...]

AM: Mas você se formou em algum curso da Escola Baiana de Medicina?

Eliane: Não, não [...]

AM: Que agora têm vários cursos, na época só tinha medicina, mas agora a baiana tem vários cursos.

JN: Tem [...] tem até direito.

AM: Então, quando eu entrei para o 6º ano, eu tinha que fazer internato. Que ainda é mais ou menos assim. E eu já tinha feito minha opção pela medicina preventiva, a baiana não oferecia internato em medicina preventiva e a UFBA oferecia. Eu então [...] eu e uma colega que ela até hoje também, Carmem Teixeira [...]

TF: Carmem Teixeira.

AM: Eu e Carmem [Teixeira] que era minha colega de curso lá na baiana, conversando sobre essas nossas inquietações da limitação da medicina curativa, nós dissemos: vamos lá fazer esse internato, vamos perguntar a nossa escola se a gente pode fazer o internato de preventiva lá na federal, se eles permitirem [...] O que você quer? [risos]

TF: Segue

AM: Se eles permitirem vamos fazer [...] Então, fomos lá. Foi quando eu conheci, eu e ela, conhecemos Jairnilson, Jairnilson Paim.

TF: Já no departamento?

AM: Na federal [...] então eu estou lembrando como se fosse hoje, a gente bate na porta onde naquela época eles funcionavam, não é onde é hoje, era ali na descida da Padre Feijó, já fomos procurar [...] Eu não sei se nós já fomos procurar já o professor Jairnilson [Paim] já especificamente, mas lá nos encaminharam para o professor Jairnilson [Paim]. Bateram na porta, quando abriu eu, me lembro da cena hoje: ele nos recebeu muito bem, nós já tínhamos a aprovação da [...] faculdade nossa de que a gente poderia fazer o internato lá, eles permitiram, porque eles não ofereciam [...] Aí nós fizemos, nós fomos aceitos e fizemos internato em Medicina Preventiva [...] na UFBA, sendo da Baiana.

TF: Tinham outros alunos também, de fora lá, como é que funcionava?

AM: Eram muitos da UFBA, nós dois éramos de fora, entendeu? Mas tinham pessoas da clínica, porque na época eram poucos mestrados. Como o pessoal da preventiva, se dedicava a universidade, nós fomos mais rápidos nesse processo um pouco isso, e um pouco, que era forte também, eram fortes os programas de influência estrangeira, americana especialmente, para criação de pós-graduação nesta área. Provavelmente

dentro dos interesses lá, políticos americanos. Então eles tinham, acho que tinham, já tinham pessoas aqui que foram treinadas lá, isso [...] deu uma certa capacitação a eles de formar rapidamente uma pós-graduação. Com esses fatores todos. Aí quando chegamos lá já tinha o mestrado [...]

TF: Vocês faziam o internato e o mestrado?

AM: O que eu quero dizer [...] não, não [...] o que eu quero dizer é que [...] Ah, entendi. Eu misturei, eu misturei internado com mestrado.

TF: Ah, isso.

AM: No mestrado tinha muita gente da clínica, era isso que eu queria dizer, porque não havia muitos mestrados em outras áreas. Então nós tivemos 02 ou 03 colegas da clínica, 01 colega da psiquiatria [...] Psiquiatria menos mal, porque tinha sempre um pezinho na Medicina Preventiva. Naquela época [...]

TF: Na saúde mental [...]

AM: Hoje mudou um pouco, mas [...] Naquela época, você deve ter acompanhado isso. Mas sobre o internato, deixa eu me lembrar da minha turma de internato [...] que eu [...] está já misturando com minha turma de mestrado [...] Minha turma do internato? Você quer saber perfil dela é?

TF: Como é que você foi parar lá [...]

AM: Eu, Carmem [Teixeira] [...] Eu nem me lembro nem quantos alunos eram, sinceramente. Já tem muito tempo.

TF: Está bom.

AM: Mas eu acho que era uma coisa parecida, nós dois da baiana e [...] e 04, 05, 06 [...]

TF: [?] mas tua formação em medicina, você já tava dentro da medicina [...]

AM: É, ainda no 6º ano de medicina. Então nós nos misturamos lá, com uns 04 ou 05, 06 alunos [...] não me lembro à quantidade de colegas de lá. Não eram muitos não, claro. Mesmo sendo uma época em que a Medicina Preventiva [...] eu acho que não tava tão

marginalizada como agora, eu acho que agora muito [...] Vou dizer qual é a minha concepção.

TF: Lógico.

JN: Claro.

AM: Se vocês [...] tiverem interesse. Porque que eu chamo isso de marginalização. Na época eu acho que havia um maior interesse de [...] alguns estudantes de fazerem essa área. Hoje, eu acho que o interesse era menor. Mas ainda mesmo, pouca gente. Era pouca gente. Não me lembro o número, mas eram poucos. Vá perguntando.

TF: Aí você acabou a faculdade e foi fazer o mestrado? Como é que foi?

AM: Imediatamente. Com esse nosso contato na federal, e sabendo que eles tinham um mestrado em Saúde Comunitária, por influência de instituições estrangeiras [...] que treinaram alguns professores mais antigos para virem reproduzir aquele discurso da [...]

TF: Fundação SESP.

AM: Não só da Medicina Preventiva.

TF: Da Fundação SESP.

AM: Do Leavell e Clark. Mas já da Saúde Comunitária, aquele blá, blá, blá. Para mim hoje tudo isso é blá, blá, blá. Na época não era, sim, claro, a gente já fazia críticas a isso. Mas [...] a gente tinha críticas e substituía por outro modelo, por isso que para mim, eu digo que hoje, tudo isso é blá, blá, blá. Tudo o que tinha, e o que substituíu esses modelos [...]

TF: Então fala um pouco dessa sua [...] observação. É [...]

AM: Porque que eu acho que blá, blá, blá?

TF: É.

AM: Por exemplo: a atenção básica de saúde [...] como eu sou classe média, sou brasileiro, classe média, assim usando um critério bem grosseiro de classificação sobre classes [...]

JN: Estratificação social [vozes sobrepostas]

AM: É complexo, é complexo [...] Mas eu acho que dá pra gente se comunicar assim. Eu devo ser classe média, vocês tão aqui em minha casa, viram o meu prédio. Eu devo ser classe média, média. Não sou alta não, viu? Que aqui a gente junta o salário eu e minha mulher [...] classe média, média. Mas o quê que eu queria dizer com isso? Classe média, média? Como é que eu cheguei a [...]

TF: Das ações integradas de saúde.

AM: Ações integradas. Aí eu brasileiro, classe média, média, o que [...] que eu tive de atenção básica de saúde? Nesse, dentro desses modelinhos, que vinha lá de fora, e que convence a gente de que é uma beleza e gente termina aceitando como nossos, ou que vale a pena a gente gastar energia com eles [...] nada! Eu não usei nada desses modelos formais aí. E, acho que ninguém da minha classe social, nenhum brasileiro da minha classe social, usou. Tive [...] minha saúde foi precária. Não, eu acho que eu tive um grau razoável de assistência médica quando eu precisei. Claro, se eu tivesse tido [...] eu tive, dei sorte, e não tive nenhum problema mais grave que tenha colocado a prova [...] a minha [...] a capacidade da minha classe social de ser bem atendida. Eu não sei se foi todo mundo que foi bem atendido como eu. Eu fui bem atendido. Não precisei de nenhum agente comunitário de saúde. Eu não estou menosprezando os agentes comunitários de saúde, não. Eu estou menosprezando, estou criticando esse projeto. Que veio lá de fora. Então vai mudando de nome, mas é [...] É a mesma finalidade. Dá para gente ver os nomes. Medicina Preventiva, Saúde Comunitária [...] Até nós chegarmos agora em medicina da família [...] Tudo focado em atenção básica, quer dizer: porta de entrada do sistema de atenção básica de saúde, com agentes comunitários, com todo o discurso. Os agentes são da comunidade eles vão ter facilidade [...] eu não precisei de nada disso. Por que não? Porque não precisei. Quem precisa é o necessitado. Por que as pessoas são necessitadas? A minha pergunta é essa. Porque não se distribui direito às riquezas que são produzidas, entre todos. Em última instância, porque, a gente tem que pagar uma dívida que a gente contrai a juros flutuantes? Assim, para [...] encurtar a história [...] Porque a gente entra numa arapuca criada pelos poderosos do mundo: De ter que, tomar dinheiro emprestado a juros variáveis, a gente está nesse buraco, que a gente até hoje está. E dele num saí. Eu

estou com 62 anos eu num vi a gente sair desse buraco, hora nenhuma, hora nenhuma. Por causa disso, têm pessoas necessitadas de tudo. Mesmo com o SUS. O SUS é uma piada. O SUS para mim [...] Não estou dizendo que a gente não deva lutar pelo SUS, eu to dizendo que o SUS real, é para enganar besta. Para enganar trouxa. O SUS ideal, o SUS que foram concebidos, foi concebido com o movimento social onde muita gente participou, é uma piada, certo? É para fazer de conta que está atendendo as pessoas. Mas bom, o quê que eu tava dizendo?

TF: Da tua formação, da tua opção pelo mestrado.

AM: Eu estava explicando porque que eu acho que é bla,blá,blá de todos esses modelos.

JN: Isso.

AM: Tá certo? A atenção básica de saúde para mim, não deveria existir a atenção [...] Pronto. Agora acho que eu concluí meu raciocínio. Posso retomar depois.

TF: Lógico!

AM: Mas assim, nesse momento para concluir. Para mim [...] para mim hoje, num era antes não era hoje não, eu apostei nesses modelos e, vários desses modelos e gastei minha juventude [...] Se eu fosse mais velho, talvez tivesse morrido em alguma guerrilha aí [...] Não sei, não sei. Mas para mim a atenção básica é a que eu tive [...] escola de qualidade, habitação de qualidade [...] tem mais [...] saneamento básico. Quando chove em Salvador, torrencialmente é [...] são os apartamentos que caem, em cima das pessoas, não é. O saneamento não é só o que vai soterrar a gente. Doenças transmissíveis, doenças infecciosas [...] A atenção básica é isso, eu não preciso de um sistema de saúde, de uma parte voltada para isso. A minha classe social não precisou, eu não estou nem falando da elite. Estou [...] a elite não precisou e nem nunca vai precisar de a gente sanitário de saúde.

TF: Comunitário.

AM: Comunitário de saúde. Não vá me dizer esse [?] [...]

[vozes sobrepostas]

TF: Está certo, é seu ponto de vista.

AM: Mas então, para mim a atenção básica é o que todo mundo deveria ter independentemente de um sistema especificamente voltado para isso. Quando tem um sistema especificamente voltado para isso é para enrolar e enganar as pessoas. Fazer de conta que tem e é uma migalha, certo? Então, quer dá atenção básica as pessoas? Dê a atenção que minha classe social tem a todos. Ou que a elite tem [...] É a mesma para todo mundo.

JN: Já que o senhor está falando aí, dessa questão dos modelos etc. Quando o senhor entrou na faculdade na década de 70, fez o internato e o mestrado. Estava circulando diversas correntes. A Saúde Comunitária que o senhor já citou, a Medicina Preventiva, um pouco da Medicina Social, depois vai chegar a saúde pública. Como é que o senhor via isso, na [...]

AM: Até chegar a saúde da família.

JN: É [...] como é que o senhor via esses conceitos, como estava o olhar, como é que se estava trabalhando esses conceitos na UFBA naquele momento em medicina?

AM: Como assim?

TF: É, porque eles são diferenciados?

AM: Era receita. A gente [...] Claro! Nós criticávamos, cada modelo desse, quando surgia algum com lucidez pra criticar, como [Sérgio] Arouca por exemplo, certo? A gente [...] ouvia um a palestra de [Sérgio] Arouca, os debates no congresso, a gente [...] ao mesmo tempo que ia assimilando essas ideias a gente ia criticando elas. Mas quem criticava esses modelos vindos lá da elite dominante mundial, como até hoje, existe. Virava marginal. Quer dizer, nós fomos sempre marginais, os críticos desse modelo eram marginais. A gente pode ter conquistado uma batalhazinha aqui, uma batalhazinha ali, mas eu com 62 anos olhando a história [...] o que predominou foi o que eles queriam. Olha hoje, as tais organizações sociais para poder contratar as pessoas, burlando [...]

TF: As OS's .

AM: Rodeando a, a CLT. Deixando as pessoas com maior estabilidade no emprego sujeito assim, a uma maior subordinação às determinações dos chefes, e etc. Pra não falar outras coisas que eu critico desses modelos de contratação, tá. Quer dizer: a gente briga, a gente faz greve, alguns levam ar [...] gás lacrimogêneo, uma paulada ou outra de um guarda [...] Olha o movimento da história que é o que vocês são capazes do que eu de fazer [...] eu acho que a gente andou pouquíssimo.

TF: Naquele momento você estava tirando no sentido de que, vai dar certo, eu vou construir [...]

AM: Ah, eu lutei. Eu lutei e quando é que [...] quando é que surgiu esse meu discurso aqui, que pode ser talvez, classificado talvez como ou derrotista, ou pessimista [...] Eu peço a vocês que não encare como derrotista não, pessimista [...] realista, entendeu? Continuo, sofrendo, certo? Não estou militando, não estou militando. Levei uns 15 anos sem militar, desanimado, quer dizer [...] olhava para trás: Como é que eu vou lutar com os caras? Para mim, para que as ideias deles predominassem sobre as minhas, para que as minhas ficassem marginais em relação a eles. Como é que eu vou lutar com esses caras? Que não precisaram nem usar armas nucleares, porque se fosse necessário eles teriam usado. A eleição agora de 2014: Dilma foi eleita com um discurso, tem que executar o discurso do adversário dela. Os caras não precisam nem mais ganhar a eleição, [risos] desculpe, eu tenho que levar na brincadeira. Os caras, quando eu digo os caras, é esse esquema mundial, dominado pelo capitalismo financeiro, pelos capitalistas financistas. Eles mandam e desmandam, é só uma questão de tempo. A argentina resistiu o quanto pôde aí, agora [...] Aí perde uma eleição. No caso lá da Argentina eles ganharam a eleição, eles não precisam nem ganhar mais a eleição, eles têm outros mecanismos e se for necessário, eles têm lá em última instância uma arma nuclear, que eles já usaram [risos] em uma cidade funcionando com as escolas, indo para escolas, e eles jogaram a bomba em cima assim. Pum! Sobre a justificativa de evitar mais morte do que estas. Vocês todos estão cientes?

TF: Claro, lógico.

AM: Então, para vocês entenderem a minha posição de uma cara que militou, eu não fui um Luiz Umberto [Ferraz], eu não fui uma liderança como o Luiz Umberto [Ferraz]. Mas eu era um soldado lá, entendeu? Escrevi textos. Eu não era do tipo, eu não era tipo eminência parda, eu ia colar cartaz na rua, certo? Eu critico essas eminências pardas, eu critico. Eu não tenho essa habilidade de “tch,tch,tch”, formulo bem, vou bem numa reunião, o resto das tarefas não é comigo, certo? Quem vai colar cartaz na rua sujeito a polícia prender e passar a noite na cadeira, são outros. Outro perfil. Eu fui, eu registro essa crítica aqui. Eu não consigo, então quando eu entrava pra militar era pra fazer das reuniões o máximo, que eu [...] O que conseguia formular eu dava minha contribuição, mas eu ia até [...] eu fazia todas as tarefas fosse [...] Pra coisa existir, pra coisa acontecer. Eu não conseguia nem me segurar, porque, pô: Como é que eu vou deliberar numa reunião, que eu tenho, que amanhã fazer uma manifestação na porta do Banco Central, tem 200 pessoas na assembléia e no outro dia tem 10 pessoas na porta do Banco Central. E todos aprovaram, a imensa maioria aprovou. Eu ía, eu ía. Então, eu cansei, é só pra mejustificar de porque que eu cansei. Aí eu levei 15 anos sem militar, porque eu cansei disso.

TF: Quando você já, ainda estava na faculdade?

AM: Estava.

TF: Aí você foi contratado. Como é que foi a sua contratação? Você foi para lá, para o internado, aí fez o mestrado em Saúde Comunitária [...]

AM: Fiz o mestrado. Ao longo do mestrado [...] surgiu à oportunidade de eu começar a ensinar, está certo? Aí em março de 1980 eu fui contratado pela UFBA, oficialmente. Em março de 1980 eu fui contratado oficialmente pela UFBA. E de lá, até me aposentar eu trabalhei na UFBA 33 anos. Não foram 35 como exige a lei porque eu tinha 02 anos averbados de carteira assinada em outro lugar. Não fiquei nem um minuto a mais. Depois eu posso falar desse meu desencanto com a universidade, porque aqui eu to falando do meu desencanto com a prática política, com os seres humanos, desencanto com os seres humanos, e o individualismo humano, e com a, a reforma sanitária. Não com ela em si, mas com uma dificuldade de [...] eu não sei se a gente tem que mudar nossos métodos. Eu tenho dúvidas, se você me perguntar Tania [Fernandes] assim: quais são as mudanças

que você proporia nos métodos? Eu não tenho muita clareza, não. Não sei se, eu [...] daqui a pouco eu vou dar uma sugestão, assim, bem tímida. Mas eu, na verdade tenho um monte de dúvidas. Pelo que eu tava dizendo. Eu olho minha história, o tanto que eu batalhei e outros, o quanto nós estamos marginalizados, dos nossos adversários, não precisam ganhar eleições mais. Não precisa usar o exército tradicional, não precisa usar drones para explodir a gente. Não precisam usar bombas nucleares. Eles têm todas essas etapas ainda para usar contra a gente. [risos] Eu acho que eles devem dar risada da gente todo dia. Não precisam ganhar eleições, quer dizer [...] ai por causa desse desencantamento eu deixei de [...] 15 anos, mais ou menos 15 anos de militar.

TF: Mas você ficou dando aula na universidade?

AM: Aí com o mesmo discurso, claro, sem transformar a aula em manifesto. A minha área era muito técnica, epidemiologia, estatística. Eu estudava muito estatística, meu forte é estatística.

TF: A universidade naquele momento, que teve um boom. Com a reforma sanitária, atraindo um leque enorme de pessoas, que dizer, isso teve na [...] no departamento teve essa chamada, foram contratadas pessoas inclusive, não médicas, para [...] em uma área mais interdisciplinar. Quer dizer, como é que foi? Houve essa mudança assim, perceptível dentro do departamento? Junto na década de 70 para 80, como é que foi o departamento? Que estava acontecendo à discussão sobre reforma sanitária. Como que o Departamento de Medicina Preventiva, incorporou? Você incorporou? A Carmem [Teixeira] [...] outras pessoas também [...] Como é que houve essa mudança e incorporou que estavam chegando mais alunos [...] Como é que tava essa [...] o ensino na universidade?

AM: Eu acho que dentro desse quadro, eu não vejo uma [...] um período especial não, sinceramente. Claro! Eu sei, eu concordo com você [...] Houve, houve certos momentos de maior otimismo [...] a conjuntura mais favorável, mas nada significativo. Eu cheguei lá no departamento, outros chegaram, mas eu [...] olhando numa perspectiva mais histórica, eu não destacaria [...] Você precisa desses detalhes?

TF: Não, não, não. Eu estou pensando se por acaso aconteceu isso, como é que é a universidade [...]

AM: Eu acho que, não, não pra mim não foram momentos significativos para a Reforma Sanitária mesmo, me entende? Ao final da história, ao final da história, vendo o momento atual da Reforma Sanitária [...] eu acho que não [...] não significou grande coisa.

JN: E aquela década de 70 [...] que chegou a Kellogg e a Rockefeller, com todos aqueles investimentos? Como é que era essa visão de vocês daquele investimento americano e das [...] O senhor falou um pouquinho do que eles vieram e trouxeram depois.

[vozes sobrepostas]

AM: Quando você fala vocês [...] sou eu, sou eu?

JN: Do senhor, como o senhor via aquilo, naquele processo?

AM: Eu e alguns, eu e alguns?

TF: É, Isso.

AM: Por exemplo, quando nós, aos pouquinhos, que você está chamando de vocês [...] fomos, virando dominantes no departamento de preventiva e na pós-graduação eu ainda como aluno, mas já havia pessoas mais antigas lá: Jairnilson [Paim], Sebastião Moreira e o pessoal mais ligado aos americanos, foram começando a se sentir sem espaço, eles foram se afastando, foram procurar um outro canto. Eu não me lembro mais o nome das pessoas, porque eu tava chegando lá. Talvez eu me lembre [...] Celso Pugliese, você num deve nem ter ouvido falar [...]

TF: É, não.

AM: Pugliese, Celso Pugliese. Talvez ele esteja vivo eu não sei, talvez. Tem uma menina mais nova [...] talvez eu me lembre do nome depois. Talvez outras pessoas lembrem do nome. Carmem Teixeira tem uma boa memória, talvez ela lembre. Que também foi devagarzinho saindo. Então nós realmente conseguimos hegemonia, de uma forma legítima, política, democrática. Eu não condeno, não porque eu participei, mas foi legítimo. Como seria legítimo se eles tivessem conquistado convencendo as pessoas sobre suas idéias. Que é o que os americanos fazem com muita competência, certo? Claro, eles têm mais dinheiro para fazer isso, isso muda tudo. Eles não são mais competentes do que a gente. Mas eles terminam sendo mais competentes na prática porque eles têm mais dinheiro. Mas então, é [...] a gente conquistou essa hegemonia lá dentro e as pessoas que eram mais ligadas aos americanos foram saindo. E, percebia-se claramente que nós criticávamos essa influência estrangeira que até hoje acontece, hoje é mais pela informática, vigiam tudo. Agora estamos sabendo que Temer era informante [...]

TF: Informante.

AM: Da [...] embaixador americano de São Paulo. Coisa triste, coisa triste.

TF: Mas aí a gente estava falando da formação [...]

[falas sobrepostas]

AM: Eu respondi sua pergunta?

TF: Sim.

AM: Eles foram perdendo terreno, nós éramos críticos. Críticos disso aí muito. Muito, muito críticos. Eles foram perdendo espaço, foram saindo, devagarzinho.

JN: Não houve nenhuma ruptura, então?

AM: Não. Naquela época não, não. Como houve depois, não. Como houve em 93, 94 não.

TF: O quê que foi em 93?

[vozes sobrepostas]

AM: Ruptura

JN: De ruptura, de briga, para eles saírem com a Rockefeller, foi algo orgânico.

AM: Eles são inteligentes. Eles sentiram que não havia mais terreno ali. Nós tomamos, aquele aparelho foi tomado. Era deles [...] Que ficam criticando as pessoas de aparelhar as coisas, mas sem eles também aparelham tudo.

TF: E aí, olha só, então a medicina social, a medicina comunitária que continua no DMP, que tinha um momento aparelhado, como você está dizendo, pelos americanos, depois ela foi “assenhorada” por vocês mesmos [...] Ela foi formando um outro, um outro leque [...]

AM: Foi, foi, claramente, levamos muitos anos [...] foi legal, foi interessante. Eu chamo de [...] Vocês chamam de boom. Não [...] Houve conjunturas favoráveis. Houve conjunturas sim, várias conjunturas favoráveis.

TF: E como é que a criação da residência?

AM: Eu só digo assim: olhando o [...]

TF: O panorama grande.

AM: Olhando os 50 anos, 60 anos [...] não foi nada. Mas diga, vá?

TF: Em seguida [...]

AM: Na minha opinião, está certo? Na minha opinião.

TF: Claro, claro.

JN: Lógico.

TF: Em seguida [...] Depois da, da [...] da Saúde Comunitária, do mestrado, criou-se também a residência. Qual foi a perspectiva de vocês ao criar uma residência dentro do DMP?

AM: Olha, a gente pensava também, em crescer institucionalmente e ser respeitado institucionalmente. Isso fazia parte da [...] da luta política, de você ser respeitado e

influenciar pessoas, influenciar estudantes. E [...] A residência entrou nesse contexto. A gente ter maior [...] ser mais úteis e mais influentes nos processos que diziam respeito à saúde pública.

TF: Vocês foram incorporados a [...]

AM: Fizemos, fizemos as coisas muito bem feitas [...] Na minha opinião.

TF: Incorporaram vários professores?

AM: Era um grupo muito sério, muito sério.

TF: É, é.

AM: Muito motivado, interessado. Enquanto nós não brigamos. Isso veio a acontecer em 93, 94, nós éramos muito unidos, muito [...] era [...] foi uma coisa interessante.

Tenho orgulho de ter participado, embora não tenha nado em nada [risos] o ponto é esse [...]

AM: Não deu em nada, e espero que em algum dia, dê. Você acha que deu? Você num pode dar opinião? [risos]

JN: Não, não, eu não falei nada não.

AM: Você não pode falar nada não. [risos]

TF: Não, não pode, eu não deixo. [risos]

AM: Da residência, o que você quer saber da residência?

TF: Não, eu quero saber quando vocês saíram do mestrado e criaram a residência, depois criaram o doutorado.

AM: Sim.

TF: Isso demanda uma [...]

AM: O doutorado já foi depois do [...] racha. Então nós 05, que rachamos, que ficamos no DMP, não fomos para o Instituto de Saúde Coletiva.

TF: Mas o doutorado ainda foi no DMP.

JN: O doutorado era no DMP, não?

AM: Não. Isso foi em 89. Ah sim, foi.

[vozes sobrepostas]

AM: Tem razão, tem razão. Tem toda a razão. O doutorado já existia. Nós, depois, criamos o mestrado.

TF: É. Isso.

AM: Em saúde e ambiente. É verdade, o doutorado já tinha.

TF: O doutorado ainda tinha.

AM: É.

TF: Mas como é que foi esse processo? Até vocês acabarem o [...]

AM: É isso, é isso [...] Nós tínhamos capacitação, tínhamos envolvimento de carga horária, todos nós que eram [...] A maior parte era D.E., nós éramos dedicados a isso. Era um perfil complementarmente diferente dos outros departamentos da faculdade de medicina. Então a gente tinha horas dedicadas para discutir para formular, propor a proposta de criação do doutorado. Tínhamos gente indo fazer pós-graduação e voltando com a mesma motivação de continuar nesse projeto. Nós tínhamos toda a possibilidade de então fazermos isso, e sermos mais úteis e mais influentes.

TF: E essa diferenciação com o resto da universidade que você está citando [...] Ela dava a vocês um olhar de dentro pra fora e de fora pra dentro também, diferenciado.

AM: É [...] nossas ligações com a sociedade também eram diferentes.

TF: Como assim?

AM: Eram mais politizadas. Menos assistencialista, entende? Os outros departamentos faziam assistência. A gente fazia política. Entendeu?

JN: E nesse processo de fazer política como era a relação com os outros departamentos? Como é que vocês viam os outros, como é que os outros os viam?

AM: Nós éramos marginais. Nós éramos marginais. O quê que eu posso falar mais?

TF: Marginais porque eram criticados?

AM: Veladamente.

TF: Como é que vocês se viam?

AM: Veladamente. A gente, enquanto [...] se a gente não tivesse incomodado, é como acontece na sociedade de um modo geral. Enquanto um partido não está incomodando, ele está legalizado. Aí quando [...] há o risco de uma ordem mudar, virar radicalmente, aí você [...] Quem está com o poder de fazer isso, coloca os partidos na clandestinidade, certos partidos na clandestinidade. Vive isso. Então, isso o que se passa na sociedade, é o que passava na faculdade de medicina. Aí a minha pergunta é para mim mesmo: a gente chegou a incomodar a faculdade, a ordem da faculdade em algum momento?

TF: Você está falando da faculdade de medicina?

AM: De medicina? Acho que não. Se a gente tivesse incomodado aquela ordem, eu não sei o que teria acontecido, eu acho que [...] por exemplo, depois que houve o nosso racha em 93, 94 um dos que ficaram, e que foram pro ISC, um dos que foram por ISC se tornou reitor. Algumas iniciativas dele, durante o reitorado, a gente interpretou como se fosse para extinguir Departamentos como o nosso. Ou seja [...] a gente só se sentiu ameaçados de extinção no racha, durante o racha e após o racha, quando um deles virou reitor. Sinceramente, posso, podemos estar enganados, mas nós nos sentimos ameaçados durante, possa está [...] se for importante vocês me cobrem para eu ilustrar, mas [...]

TF: É, está.

AM: Me cobrem para eu ilustrar.

TF: É, tenta falar assim, desse movimento que teve, a gente tava perguntando por fora, para fora do departamento. E dentro do departamento, quer dizer que tipo de disputas vocês estavam vivenciando?

AM: Você? Quer que eu termine a questão da faculdade antes?

TF: Sim, sim.

AM: Eu vou, eu vou. Não é muita coisa que eu tenho a acrescentar não, é só para concluir.

TF: Não, nós estamos aqui, prontos para você.

AM: É, porque eu terminei falando sobre o racha no departamento, mas vocês estavam perguntando sobre nossa relação com a faculdade.

TF: Isso.

JN: Isso.

AM: Resumindo, o que eu já disse, na minha, em minha opinião, nós pudemos ser tolerados sem maiores dificuldades, pelos outros departamentos mais tradicionais da faculdade porque a gente não precisou confrontá-los internamente em nada substancial que eles achassem, julgassem tão importante que tivessem que confrontar com a gente. A gente se relacionava com a sociedade lá fora, com os partidos políticos, lutando pela reforma sanitária com os nossos jornais, com nossas manifestações com [...] Eu imagino um deles dizendo assim: o mais conservador deles, lá, o chefe do departamento de clínicas, ou de cirurgia que é pior, dizer assim: deixa eles lá com as mobilizações deles, nós vamos tocando nosso barco aqui. Então [...] agora: nós realmente só nos sentimos ameaçados, nós dos que ficamos no Departamento de Medicina Preventiva quando a gente tava no processo de racha, e depois no reitorado de um deles na UFBA.

JN: Professor, o senhor falou da marginalização da Medicina Preventiva, em determinado momento.

AM: Com o estudante, também viu. Com os estudantes também, predominantemente.

TF: Também passavam por essa marginalização? Que o senhor diz, na opção.

AM: Acabar logo essa disciplina pra eu voltar para medicina.

JN: O que é essa marginalização?

AM: Não quer dizer que não tinham estudantes interessados. É como tudo. É como tudo na vida.

JN: O que é essa marginalização da Medicina Preventiva?

AM: Não é medicina. Em resumo, em minha opinião, não é medicina.

TF: Eles achavam que não era medicina.

[vozes sobrepostas]

AM: Não é paciente, não examina.

[vozes sobrepostas]

AM: Visto um jaleco, boto meu estetoscópio assim. Então [...] não é medicina.

JN: Eu fico com receio de perguntar, e [...]

AM: Vá, vá.

JN: É só para ter uma ideia. O senhor está dizendo [...] seria alguma coisa do tipo a medicina, e a parte clínica esses determinantes sociais não importam?

AM: É, exatamente.

TF: É, isso que ele está querendo dizer.

AM: Isso é coisa para político, os mais esclarecidos podem até dizer: isso é coisa para político. Não sou que vou resolver, não é médico que vai resolver. Era, era o que eu sentia [...]

JN: O senhor tocou em um ponto importante aí, como é que era a formação médica? Por exemplo, o senhor acompanhou de dois pontos de vista maravilhosos: como aluno [...]

AM: Na baiana.

JN: Na baiana, que teve suas diferenças na UFBA, mas que era um processo similar. E um [...]

AM: É [...] Mais recentemente a baiana deu uma guinada. Até pedagogicamente falando. Começou a trabalhar com um modelo de problematização, em cima de problemas [...] PBL

JN: PPBL, eu acho [...]

AM: Só para [...] É só um adendo para [...] teve algumas mudanças, mas eu acho que era muito parecido, nessa época aí.

JN: Como é que era esse período ser aluno? Qual eram as disciplinas mais importantes, como era esse processo, como era feito? Como era ser aluno?

AM: Na baiana?

JN: É.

AM: Na Baiana, nós tínhamos só para vocês terem uma ideia, 02 ou 03 aulas de saúde pública. No currículo inteiro. Então a UFBA, já era mais evoluída nisso, evoluída no julgamento meu, né? A UFBA tinha, um internato em Medicina Preventiva. Tinha um mestrado em Saúde Comunitária, tinha professores formados fora e que voltavam e continuavam dedicados a isso. Nessa área a baiana tava muito lá atrás. Então tinha lá um catedrático de saúde pública, muito defasado. Mais antigo ainda do que ele poderia ser naquela época.

TF: É quase que higiene.

AM: Exatamente.

TF: É da cátedra de higiene.

AM: Exatamente. [?] sempre tratei com muito respeito, mas essa crítica tem que ser feita. Ele estava ultrapassado, completamente. Mesmo naquela época. Bom, em termos de

saúde pública, para formação de estudante, a UFA estava muito além. No restante elas eram muito parecidas. Muito parecidas. E [...] o aluno no dia-a-dia, pelos enfoques que os professores que não eram da Medicina Preventiva davam, terminavam com essa ideia de que Medicina Preventiva não era muito medicina, entende? O que mais que eu posso lhe dizer?

[vozes sobrepostas]

JN: Qual era o perfil [...]

AM: A medicina curativa era a ênfase.

JN: A medicina curativa, não era a preventiva.

AM: Ênfase, ênfase.

JN: Qual era o perfil?

AM: Ser médico é isso, aí. Entendeu? É você ser procurado por alguém para você curar. Não antes, não antes de você sentir o problema, entendeu?

JN: E qual era o perfil desses alunos?

AM: Na baiana, muita gente do interior, em condições de pagar, que não era o que está se cobrando hoje, mas na época, nem todo mundo podia pagar. Mas eu tinha muito colegado interior, que queria ser médico. Aquela coisa de ser médico, um impulso fortíssimo, quem podia pagar, a família que podia pagar, pagava. Deixa ver o que mais que eu posso falar. Menos acadêmicos eu acho [...] porque eu aí, eu to comparando a minha experiência com os estudantes da UFBA [...]

[vozes sobrepostas]

JN: Uma pergunta como professor.

AM: E minha experiência como aluno da baiana. Então, a baiana tinha uma abordagem menos acadêmica. Em minha opinião. Tudo aqui, claro, é minha opinião. A UFBA tinha uma abordagem mais acadêmica, a teoria, era mais valorizada. Na [...] e os alunos

formulavam isso, meus colegas diziam isso: UFBA é muito teórica, aqui é mais prático, que quero é aprender a operar e foi operar. Isso era muito forte, muito forte mesmo.

JN: E sua experiência como professor da UFBA, como é que o senhor via essa formação? Lá dentro da UFBA, na construção do médico. Qual era o médico que a UFBA tava formando? Quando o senhor era professor?

AM: Bom, eu me aposentei há 03 anos, então isso [...]

JN: É, o senhor pode fazer um processo histórico longo [...]

AM: Deixa eu pensar se, pensar se mudou. Houve reformas curriculares, eu participei das discussões. A tinha [...] era dedicação exclusiva, eu não fiz mais nada da vida, eu e vários colegas, não fiz mais nada na vida. Nada. Bom [...] Então teve, teve reformas, duas. Duas reformas curriculares nesses 33 anos que eu estive lá. Uma foi engavetada, pelo irmão de ACM. Que era diretor da escola, é [...] Zezito Magalhães. José Maria de Magalhães Neto. Esse estava [?]. É o nome do pai deles, Magalhães Neto.

JN: José Maria de Magalhães Neto?

AM: Magalhães Neto. Ele, então o irmão de ACM era diretor na faculdade, depois ele foi secretário da saúde. Antes sempre foi diretor da faculdade. Ele engavetou. Eu, num congresso eu cobrei ele disso, disse: ó, o currículo, que era a discussão sobre currículo. Que eu estava envolvido, fui para mesa. Na mesa ela tava também, porque era diretor da faculdade. O auditório vazio. O centro de convenções aqui. O currículo médico, vazio. ECG: sala cheia. É só uma ilustração de qual é [...]

AM: A ênfase, a ênfase era virar médico pegar em paciente, [?] um exame, um exame [...] mas voltando: o currículo médico então, um deles foi engavetado, pelo irmão de ACM. Eu cobrei dele na cena, disse que estava sem saber onde estava o currículo, eu disse que ele tinha engavetado.

[risos]

AM: Aí ele foi, no dia seguinte ele me ligou, ele tinha esse perfil assim. Ele se esforçava para ser honesto. Ele se orgulhava de querer, querer ser honesto. Tinha engavetado, mas

o honesto para ele era no outro dia ligar pra mim, e admitir: olha, eu realmente não sabia, mas achei aqui o currículo, eu não dei andamento por isso, por isso. Inventou uma desculpa qualquer, e o currículo continuou engavetado. Que eu me lembre aqui deviam ser [...] O quê que aconteceu nesse processo, nós que éramos dedicados a instituição a gente tinha uma influência maior do que a nossa representatividade na faculdade. Porque a gente era atuante na universidade. Nós éramos militantes, tínhamos ideias, então a gente influenciava muito esses projetos de reforma. Eles, os professores mais tradicionais da medicina devem ter, eu estou fazendo a minha interpretação, visto, não era uma revolução, mas eles devem ter, algumas coisas devem ter desagradado, desagradado eles, pela nossa influência muito grande na Medicina Preventiva nesses processos, porque nós tínhamos uma atuação maior. E aí, ele achou que era uma boa ideia, fazer de conta que não era com ele, e engavetou. Esse foi engavetado. Eu não me lembro, quais grandes modificações incomodaram tanto o pessoal da faculdade de medicina. Não me lembro os detalhes, aí a memória fala um pouco. Mas era muito parecido com [...]

TF: A outra faculdade.

AM: Fazer com que, fazer com que os alunos expusessem mais, a realidade das comunidades periféricas, ainda sadios, ainda sadios, que é uma perspectiva. O currículo, agora mais recente, a reforma curricular recente, deu uma ênfase enorme a isso. Provavelmente a gente já tinha batido nessa tecla antes. E Não foi virada [...] nessa segunda foi virada, aconteceu. Mas [...] muita coisa não [...] se você puder conversar com Mônica Angelim, se você tiver interesse no currículo médico, você vai conversar com Mônica Angelim, que foi quem no nosso departamento quem mais se envolveu. Já ouviu falar de Mônica Angelim?

TF: Não.

AM: É da saúde do trabalho.

TF: Você já ouviu?

JN: Não.

AM: Saúde do trabalhador, Monica Angelim. Se interessar, sobre essa 2ª reforma curricular mais recente [...]

JN: Que aconteceu, que foi a uns 04, 05 anos atrás.

AM: Quase 05 anos, e eu não estou fugindo ao assunto não. Eu aqui me vários exemplos na cabeça de coisas que não foram à frente, não foram colocadas em prática.

Ficaram só no discurso e no papel. Muitas. Muitas coisas. Que eu posso ilustrar como [...]

JN: Claro, claro que pode.

AM: A clínica teria uma disciplina, juntamente com o pessoal da saúde pública. Se discutiria, aspectos clínicos e aspectos epidemiológicos. Discutia o mesmo paciente. Nenhum professor se oferecia, cobrava-se, cobrava-se, cobrava-se. Passa um semestre, passa outro semestre, aí [...] você tá com outras preocupações, vai passando. Eu sou capaz de garantir, eu tenho 03 anos e 03 meses aposentado, Mônica pode lhe dizer melhor, mas essa é uma das coisas que [...] Imagine, você integrar em uma mesma disciplina epidemiologistas e clínicos. Bom, e aí, qual foi, qual era [...] O quê que eu estava respondendo?

TF: Eu queria retomar uma questão que eu estava voltando antes, quer dizer, nessas mudanças na faculdade ainda no DMP, a gente vislumbra assim: denominações diferenciadas. Você tem: o Departamento de Medicina Preventiva, a, o mestrado em Saúde Comunitária, depois a residência em medicina social. Depois aparece o nome de saúde coletiva. Qual era a diferença, quais as diferenças que pautavam essas nomenclaturas?

AM: Eu vou voltar ao que eu falei antes. Os americanos, vamos falar os estadunidenses, dizem que é errado falar os americanos. Desculpe lhe falar dessa maneira, mas [...] eu não vou ficar arrodeando, arrodeando, certo? Eu hoje tenho a maior clareza das engrenagens que esses caras mexem, para [...] para nós fazermos o que eles querem. É um negócio de assustar. Eu não pensava que era um negócio, tão poderoso, e tão [...] tão capaz de passar

como um trator por cima de uma sociedade inteira. Sinceramente, eu não sabia que era tanto, mas então dando nome aos bois: os estadunidenses, de vez em quando tinham que, dourar a pílula, para motivar os jovens, muito para jovens. É [...] Aí essas ideias entram em desgaste Até pelas críticas porque elas são muito vulneráveis às críticas todas elas foram muito criticadas, eles vão renovando o discurso, mas para manter a mesma coisa, ou seja, medicina é assistências à saúde diferentes para pessoas diferentes. Não é a mesma assistência para todo mundo [...] Então, pra mim, em minha opinião, não tem nada de substancial nesses rótulos, que distingue um do outro. São nuances, são pequenas nuances a ênfase na família agora, antes era na comunidade, agora é na coisa toda, na família [...] No meu, meu entender, não faz grande diferença. São movimentos para fazer assistência em guetos. Em pessoas desassistidas e que a sociedade não está disposta a assimilá-las de uma maneira revolucionária, distribuindo riqueza, aí você vai ter que dar migalhas a ela, aí você precisa ter esses projetinhos fajutos [...] ideológicos em alguns deles eu me envolvi, mas felizmente, os mais velhos lá da preventiva, foram logo me abrindo o olho, a gente sempre veio criticando cada um deles, aí surgia um novo, aí surgia um novo. Os mais jovens desavisados se entusiasmavam e a gente sempre nessa luta de [...] debater, dialogar e demonstrar que tudo é parte de um mesmo processo de garantir minimamente, uma migalha de assistência para aliviar tensões. Só pra aliviar tensões. Para manter a sociedade desigual como ela é. Não é só a brasileira não. A dos Estados Unidos também desigual como ela é.

TF: E me diga assim, nessa, conjunção, de interesses e tal, o instituto ele foi se ampliando, e você mesmo falou que teve ali umas desavenças. As desavenças eram em função [...]

AM: Desavenças [...] bote divergências institucionais e [...] quase ideológicas.

TF: Eram projetos? Projetos diferenciados?

TF: Como é que foi a história?

AM: Você entrevistou Vera Formigli, já entrevistou Luiz Umberto [...] tem um livrinho que explica isso por escrito. Eles lhe passaram esse livrinho?

TF: Passaram.

AM: Você quer que eu repita o que está ali?

TF: Não, qual é o seu ponto de vista [...]

JN: Sua visão.

AM: Minha visão é aquela que está ali. Eu ajudei a escrever aquilo que está ali. Então, eu sou [...] para mim foram projetos de universidades distintos a questão [...] vamos olhar, uma perspectiva histórica.

TF: É insere isso na universidade. Estar se discutindo uma nova universidade, estava se, como é que era, como é que estava essa conjuntura?

AM: Educação, predominava no Brasil até algumas décadas, há poucas décadas. Predominava o ensino público. Eu vou fazer uma analogia do serviço público, vou falar do país [...] e trazer isso para universidade. Que para mim está no cerne da nossa divergência. Têm outras, mais detalhadas, mais específicas, estão todas nesse livrinho aí. Minha posição é aquela que está ali até hoje eu não revi, eu não vi razões para rever. Pra mim não foram desavenças pessoais de pessoas que se queriam, como marido e mulher. Um chamava o outro de amor, amor, amor, amor. E depois um tava querendo comer o fígado do outro. Eu ouvi gente dizer que a gente brigou por questões pessoais, eu não concordo de forma alguma com essa interpretação. Minha interpretação é aquela que está naquele livro. Você tem cópia daquele livro?

TF: Tenho.

AM: Você tem cópia dele. Minha visão é aquela ali. Mas só reforçando aqui, o que acho mais importante nessa divergência. Eu estou falando da sociedade brasileira, houve uma época em que não só, as escolas eram públicas, mas, muitos hospitais eram públicos. Os melhores hospitais eram públicos. Houve época em que os hospitais das clínicas aqui era o melhor hospital. Você é baiano tem quantos anos?

JN: É, tenho 35. Não peguei isso não.

AM: Mas seus pais, com certeza na época deles.

JN: Sim.

AM: O hospital das clínicas era o melhor hospital para eles, público. Hoje não é mais assim, então. A medida em que o capitalismo foi se desenvolvendo no Brasil, foi se acumulando o capital. E esses capitalistas querem investir o capital para transformar ele em mais dinheiro. Então, com o avanço do capitalismo no país, foi se acumulando capital suficiente para investir nessas áreas que antes não eram tão valorizadas para o capitalismo ganhar dinheiro. Então surgiram os capitalistas interessados em ganhar dinheiro no Brasil, com educação, com saúde isso só faz se expandir, se expandir, se expandir. É o que nós estamos vendo aí o tempo todo, esse processo não parou, só fez se acelerar. Isso invadiu a universidade, esse processo, invade a universidade. É um processo que vem lá de fora, como um trator poderoso. Com instituições criadas a muito tempo, sólidas, com gente bem paga, gente inteligente. É banco mundial é [...] FMI [...] Agências que dão notas, para os investidores investirem ou não no país, grande “merda”. Tá gravado, né? Grande “merda”. Ô instituiçãozinha. Me dizer se eu tô autorizado ou não a receber o investimento dele. Eu por mim, não pegava investimento deles nessas condições em que ta se pegando. Mas eles já induziram nas cabeças de que tem de quem tá metido na política de ser poderoso nesse país, eles já incutiram na cabeça deles. Com viagenszinhas e intercâmbio, cursos, com os nosso inclusive de PhD. Eu quando cheguei dos Estados Unidos aqui, eu pensei em ter um carro maior, aquela coisa do carrão. Que já tava até mudando um pouco nos Estados Unidos, mas ainda tinha essa cultura do carrão nos Estados Unidos. Aí depois eu observei que um “bocado” de colega meu que foi também fazer pós-graduação nos Estados Unidos, quando voltou, tinha adquirido certos hábitos da cultura americana. Era um negócio terrível. Até eu, me peguei assim e tive que me re-arrumar, ta certo? Mas o que eu queria dizer é que, esse processo do [...] da mercantilização, de transformar a saúde em mercadoria, de transformar a educação em mercadoria e tudo mais. Transformar tudo em mercadoria, aeroportos, portos, só não privatizaram ainda o exército. É uma boa pergunta. Porque não privatizam o exército? Uma boa pergunta? Sabe a resposta?

TF: Não.

AM: Pela mesma razão, eu vou dizer o quê que eu acho. Pela mesma razão que nós não deveríamos ter privatizado saúde, educação, aeroportos e portos. Aeroportos e portos por questões de segurança, e por questão de democracia. Se você deixa uma classe social, capitalista, seja industrial, seja de serviço, seja financista. Se você deixa uma classe social do capitalista, dominar. Quer dizer, eles são os donos dessas coisas, numa crise onde você esteja disputando, posições ideológicas democraticamente isso vai pesar [...] aí o meu convencimento com ideias em relação a vocês que são meus adversários não vai valer nada. Porque eles simplesmente vão dizer olha: vai chegar em uma situação de força, quem tem mais força. É ou não é? Vocês são historiadores, vocês sabem melhor do que eu. Vai chegar num ponto que vai ter que medir forças porque ah: você não me convenceu, você também não me convenceu. Na hora de medir forças, na hora de medir forças [...] Tem tempo né? Tem um tempo né?

JN: Não ele pode ficar tranquilamente aqui.

TF: Ele pode ficar até 06 horas.

JN: Ele pode ficar até 06 horas aqui. Às vezes eu tenho que ficar olhando cá e cá, para ver se ta funcionando.

AM: Beleza, beleza. Esse processo, invadiu a universidade, do mercado entrar nas relações também na universidade. Essa foi nossa maior divergência com quem ficou no ISC. E, e [...] o posterior a isso mostrou que a divergência era essa mesmo, não tinha nada de pessoal. Eu tinha pessoas muito próximas lá.

TF: Mas existia uma proposta para se criar uma instituição que levasse todo mundo, para fora do Departamento de Medicina Preventiva com as razões que cada um está explicando. Isso existiu? Essa proposta aconteceu?

AM: Quando esse grupo dos 05, eu era um dos 05, percebeu que já havia essa [...] Isso já vinha, num foi em um certo momento específico, isso já vinha acontecendo. Havia sinais dessas divergências. E eu, já estou querendo defender aqui, que elas não são de natureza pessoal. Elas são de natureza [...] nossas divergências era com relação à concepção

universidade que cada um queria. Entendeu? Então, nós, pelo discurso que já estava, já estava apresentando na, pra criação do ISC, ficou claro pra gente que eles não estavam muito preocupados com esse processo de invasão mercantil da universidade. Nós achávamos que não era bom. Só por questões ideológica pura, metafísica, não. Para nós, pra nós a universidade é um lugar de liberdade total se você mercantiliza, se você admite que, quem tem dinheiro pra financiar projetos, financie os projetos da universidade, esse pessoal que tem dinheiro começa a mandar, é inevitável. Eles começam a determinar as suas linhas de pesquisa. Inclusive, se for necessários usando até [...] sutilezas. Que enganem a gente. Tudo isso está no jogo, tudo isso está no jogo.

Seja de que forma for, mas que a gente fica mais vulnerável a não ter a liberdade que a gente defende que a universidade tem que ter, por questões da democracia no fundo o que está sendo discutido é a questão da democracia. Porque se, uma classe social, detém a operação, é uma concessão, é uma concessão. Não resolve o problema. Você opera os aeroportos, você opera os portos numa crise onde um não convence ao outro, vai para força. Vai pro pau, como se diz na prática. Nessa hora isso vai decidir, quem tiver os aeroportos e os portos, e as comunicações [...] Decide, os meios de comunicação de massa. Qualquer tentativa que se faz de regulamentar, eles vem com a mesma ladainha de que querem controlar a liberdade dos meios, querem controlar os meios de comunicação de massa, porque e isso compromete a democracia. Você pode mentir para as pessoas e ganhar uma posição em relação ao seu adversário, só porque você detém o controle dessas coisas. Então, quando a gente defende, que não deva privatizar certas coisas, não é uma birra de radical, é uma birra de quem é radical na defesa da democracia. Isso estava no cerne da nossa divergência, porque já estavam lá, bem claros, bem claros é o seguinte: já estavam se fazendo todo esse processo de influência, de empresas na Universidade. E eles não estavam questionando, como nós estávamos questionando, entendeu? E o quê que aconteceu? Esse processo só fez se acelerar na universidade. Agora vocês vêm essa lei de ciência e tecnologia. Está sacramentando todo esse processo de mercantilização da universidade, agora virou lei.

TF: Outra [...]

AM: Agora virou lei, virou lei. Vocês já devem ter lido a lei. Eu não li a lei [...]

TF: Nós lemos.

AM: Mas os comentários que eu li de quem leu, é terrível.

TF: É terrível. Me diga assim, outros departamentos passaram assim por essa, por esse processo também? Já que você falou assim, é um processo da universidade de se deparar com a mercantilização, e o um outro grupo não [...]

AM: Não, não [...] O nosso departamento era completamente diferente. Um pessoal politizado, de esquerda, predominantemente de esquerda e [...] Isso não havia.

TF: As características do próprio tema, você está dizendo.

AM: Se as empresas [...] a longo prazo mesmo que a gente não esteja percebendo se elas vão com o domínio maior, sobre o que vai se passar na universidade, isso não era problema para eles. Eles concordaram com aquilo. É [...] a empresa é mais eficiente, não é o discurso que está presente aí hoje. As empresas são mais eficientes do que o setor público. Elas vão trazer eficiência para universidade, todo mundo é assim, aí começa a falar dos exemplos. Agora, os outros departamentos não questionavam isso de forma alguma. Eles concordavam, eles não estão um pouco preocupados com isso. Ah, venha à empresa que for eu vou ser melhor que o meu colega do meu departamento, vou fazer melhores propostas, eu sou bom. Essa coisa bem individualista. Eu sou bom, eu vou fazer propostas e vou ter sempre dinheiro para fazer pesquisa. O individualismo começou a [...] o nosso departamento tinha isso muito forte de projetos coletivos. Você não é proibido de ter projetos individuais, mas o departamento como instituição, tentava que pelo menos, 01, 02, 03 tivéssemos projetos coletivos em andamento, onde todos ajudassem, entendeu?

TF: Isso foi acabando, você acha?

AM: Foi acabando, já estava acabando e ficou claro nesse [...] Tudo isso se acentuou nesse processo de criação do ISC. Tudo desembocou nesse processo.

TF: É nessa ocasião [...]

AM: Foi como se fosse uma bifurcação.

TF: Se não me falha, em outras universidades aconteceu, houve criação de outros institutos também, não foi? Aqui na Bahia?

AM: Ah, aqui?

TF: É.

AM: Aí me falha a memória [...]

JN: Uns de física, outros de geologia [...] geofísica [...]

AM: Isso é antes, não

TF: Isso é antes, está.

AM: O ISC foi bem depois.

TF: Mas não era, não tinha nada a ver [...]

AM: Não, não.

TF: Com essa reformulação?

AM: Não, não. Foram momentos completamente [vozes sobrepostas] conjunturas distintas, entendeu? O ISC veio bem depois, vem depois.

JN: Que empresas estavam financiando? Que empresas estavam financiando? Estavam financiando que tipos de pesquisas, para que?

AM: Quer que eu fale da universidade toda? Não, da faculdade?

JN: Não, do instituto, do DMP, desse processo todo. O quê que um grupo [...] o senhor disse que tinha empresas entrando, e financiando pesquisas que levou a ter a bifurcação entre DMP e ISC. Que empresas? Que financiavam o que?

TF: Financiavam outros departamentos também. Como é que se fazia?

AM: Bom, quais empresas. Deixa eu me lembrar aqui [...] quais empresas [...] é. A pergunta pode ser assim: isso já tinha se concretizado no departamento?

TF: É pode ser também.

AM: Ou era só uma ameaça? Eu estou tentando me lembrar de algum [...] pesquisa [...] tinha um projeto grande chamado PES [...] já ouviram falar? PES... P-E-E-S

TF: É Isso.

AM: Era financiado por quem? Pô, [...] Vocês estão cobrando minha memória. [risos] [vozes sobrepostas] Não, mas claro. Se alguma empresa [...] eu me lembraria. Peraí, PEES não deve ter sido empresa.

TF: Não, PEES era um programa.

JN: PEES era um programa.

AM: Sim, mas tinha financiamento.

TF: Tinha financiamento externo.

AM: Eu não me lembro mais [...] eu não me lembro mais de que.

JN: Está, tudo bem.

TF: Você foi, você foi.

AM: Mas, mas peraí. Deixa eu citar um fato [...] deixa eu citar um fato. Um dos nossos colegas, não precisa citar o nome, ele foi para o ISC. Foi um dos que foram para o ISC. Fizemos política juntos, há muito tempo. Como outros fizeram comigo também do departamento. Esse em especial, muito. Tivemos uma divergência durante esse período que pode ilustrar um pouco a questão das empresas, da mercantilização da medicina. Ele anunciou a aposentadoria dele, ele antecipou a aposentadoria dele e ao mesmo tempo, anunciou a contratação dele pela Odebrecht. Que é uma empresa baiana, vocês sabem. [...] Eu [...] pedi a palavra e critiquei ele, porque era tão companheiro político dele, que eu me senti no direito de questionar: eu não entendo a opção sua de ir trabalhar na Odebrecht. Não faz sentido. Quero que você me explique, quer dizer, eu não posso lhe proibir, a sua vida é a sua vida. Mas eu quero entender como seu companheiro porquê. Eu espremi assim, o que ele me disse? Ele me disse que era uma estratégia de luta, você ir onde estava o capitalista e mudar lá por dentro. Quando hoje eu vejo a Odebrecht, dá vontade de dar risada. Dá vontade de dar risada. Por achar que a estratégia ele falhou,

completamente equivocada. [?] ai bom, uma série de, de [...] nos falamos ainda, mas perdermos o contato. Pô, era uma empresa. O quê que quero dizer, quer dizer, perfil das pessoas foi mudando. Esse cara era meu camarada. Não era meu companheiro. Olha, eu acho, eu analisei aqui eu acho que eu posso falar dessa maneira. Eu não falei o nome dele. Ele era meu camarada, certo? Ele militava comigo, e não se podia saber das reuniões, certo. A esse nível. Pouco tempo depois esse cara está saindo da universidade, para ir trabalhar na Odebrecht? Bom, e agora eu olho os anos que ele esteve na Odebrecht. Salário muito bom, uma posição muito boa, morou, passou a morar de uma forma bem confortável. Foi só isso que [...] Tania, ela é da universidade também, ensina no ICS.

TF: Chegou a esposa dele.

AM: 17:30 h, está bom. Fisiologia, ensina fisiologia no ICS.

TF: Você [...] Fala, fala.

AM: Sobre as empresas, eu não quero deixar meu momento vulnerável, entendeu? Eu acho que se eu, aí pode apostar que minha memória falha em algumas coisas. Eu conto com o que, você entrevistou outras pessoas. Outras pessoas podem se lembrar. De qualquer forma eu, defendendo que o meu argumento continua sólido, isso como sendo uma ameaça, do que vinha a ser a universidade no futuro que é o que está acontecendo, tá certo? Isso a gente já, a gente já via indícios disso no departamento. E eu usei como ilustração o perfil das pessoas que foram pro ISC, quer dizer, o cara foi trabalhar numa empresa que é essa que está aí, envolvida nisso tudo aí. E com esse discurso que eu cobrei dele, como camarada, ele me disse que ia lutar para transformar lá por dentro a Odebrecht. Quer dizer, as pessoas mudaram um bocado, então [...] quer dizer. Isso é briga pessoal? Não é briga pessoal. É uma divergência ideológica que eu tenho com ele, uma divergência de modo de produção econômica. Ele passou a defender [...] Não sei. Ele diz que não, ele diz que ia lutar lá dentro, mas [...] pelo menos então era uma divergência de estratégias. Eu acho que a estratégias dele era equivocada. Eu acho que a estratégias dele era equivocada.

TF: Aí vocês ainda tentaram um tempo [...] morar juntos digamos [risos] se avizinhar. Ainda com projetos conjuntos, porque vocês ficaram num prédio ao mesmo tempo. Já não tinham projetos juntos, instituto e departamento [...]

AM: Não, não, não. Porque como eu lhe disse, não foi de um dia pro outro, entendeu? Então, no livrinho está bem escrito isso, as pessoas já estavam tendendo para ter seus projetos individuais, essa coisa: ah, vai ter que competir mais. Eu sei que eu sou bom, eu vou garantir o meu, eu tenho condições disso. A gente já sentia isso no departamento. Na universidade como um todo, e no departamento. isso já estava lá, não foi de um dia pro outro. Então quando, a separação oficial se deu, as pessoas tinham mais projetos individuais do que projetos coletivos. Que agregasse muita gente do departamento. O novo, já estava lá, na realidade.

TF: E como é que ficou o departamento, aí o departamento ficou mais voltado para a medicina? Como é que ficou o departamento?

AM: O negócio das empresas. Que ainda não tinha chegado com muita força no departamento, se não eu teria me lembrado de uma empresa. Só falei da Odebrecht naquele caso específico. Depois você me faz a sua pergunta. É [...] Os projetos que você me cobrou, a questão das empresas. Eu achei uma forma de ilustrar [...] Ah! Me lembrei. É [...] as pessoas já tinha um impulso, para mostrar já um pouco do mercantilismo dentro do departamento. Sim! Pronto, me lembrei, houve uma resolução do conselho universitário. Admitindo 08 horas de trabalho semanais para os D.E. [Dedicação Exclusiva]. Nós éramos terminantemente contra. Isso já foi motivo de divergência está entendendo? Porque foi [...] para nós isso era uma brecha aberta para as empresas entrarem, entendeu? Porque quem é que tem condições de oferecer serviço para 08 horas semanais. Você é da universidade a quanto tempo?

TF: Não, sou da Fiocruz.

AM: Ah, Fiocruz, então eu não posso pedir sua ajuda, per aí, a primeira resolução que agora foi acentuada com essa lei [...] de Ciência e Tecnologia. Mas houve uma resolução

antes aqui na UFBA, que teve em outras universidades, não deve ter sido ao mesmo tempo. Aqui na UFBA essa resolução permitiu ao professor D.E., dar algumas horas. Eu falei 08 por semana, mas era menos. Era menos.

TF: Menos, porque daí fazia o não D.E.

AM: Tá certo? Aí eu não sou bom, eu não sou preciso nessas coisas. Mas permitiu-se que ele trabalhasse algumas horas, ou por semana ou por mês, então eram 08 mensais, não podia ser regular, não podia ser [...] tinha que ser temporário. Mas permitiu 08 horas semanais. Aí nós já nos dividimos no departamento quanto a isso. Percebeu? Quer dizer, o pessoal que foi pro ISC, não achava nada demais nisso. O pessoal que ficou achava que D.E. é D.E., entende? Está na linha daquele raciocínio que eu lhe disse. Pra compensar um pouco que as empresas, ainda não estavam nos financiando. Até porque eles ainda não estavam assim com essa bola toda para [...] se assumirem enquanto tal, está entendendo?Vá! Desculpe é que eu ainda estava insatisfeito com [vozes sobrepostas] minha resposta.

TF: Tudo bem, tudo bem.

AM: Mas você já estava perguntando uma outra coisa. Foi sua pergunta? Já esqueceu, já esqueceu.

JN: Eu me lembro, eu me lembro. Com o processo da criação dos [...] [vozes sobrepostas] Como é que ficou o Departamento de Medicina Preventiva? O ISC saiu de lá, e como é que ficou?

TF: Ele ficou voltado para medicina? Quer dizer, o que tinha antes, que tinha uma interdisciplinaridade com alunos de outras unidades, como é que ficou o departamento?

AM: Nós ficamos com duas disciplinas na graduação. Perdemos a pós-graduação toda, inclusive a residência. Ficamos só com duas disciplinas na graduação, 05 professores com 02 disciplinas na graduação.

TF: E essa divisão de bens foi como?

AM: A divisão de bens está lá no livrinho, está lá no livrinho. Eles queriam levar, eles tentaram inviabilizar o departamento. Essas duas disciplinas eles tentaram levar, e os equipamentos todos também. Aí a gente fez política, eles fizeram política e teve reuniões com assessores do reitor na época era, era da educação.

JN: Heonir [Rocha]

AM: Não, o reitor era da faculdade de educação. Não lembro [...] Olha minha memória como está?

TF: Mas é assim mesmo.

AM: Heonir, Heonir eu me lembraria porque é médico. Daqui a pouco eu lembro. Um senhor já. Fumava muito, barbudo. Parecia Paulo Freire.

ER: Felipe Serpa?

JN: Felipe Serpa. Isso, certo.

AM: Felipe Serpa. Uma assessora dele teve uma reunião com a gente, pediu, exatamente para discutir essa, tava sendo feito de uma maneira que inviabilizava nossa existência. A gente que pediu. Engraçado, por causa dessa reunião de vocês, eu estava no ônibus pensando isso hoje. Eu acho que essa reunião foi fundamental. Foi eu e Fernando de Carvalho. Eu acho que essa assessora dele, se convenceu, de que não podia, tudo ir para o ISC, está entendendo? Nem as disciplinas, nem os equipamentos todos. Eu acho que ela saiu da reunião convencida. Porque logo depois o quadro mudou. A gente não se sentiu mais ameaçado, foi garantido que, foi discutido, o quê que ia ficar com cada um e tal. Não foi uma coisa imposta, né? Como estava se tentando fazer porque eles tinham maioria. Levou-se um tempo em que o ISC não estava oficialmente [...] Criado, minha memória falha, quantos meses a gente levou assim. Acho até que no livrinho fala quando é que ele foi criado.

TF: Fala, fala. Foi criado em 95.

JN: 94,95.

TF: É, foi em um ano.

AM: Eles aprovavam em bloco tudo o que interessava a nova instituição que não tinha sido criada ainda. E a gente perdia todas. Chegou a um ponto que a gente disse, não vamos mais as reuniões para não legitimar mais esse fórum. Porque esse fórum não é mais, não representa mais o Departamento de Medicina Preventiva. A gente precisou deixar de ir às reuniões. Isso tudo é fato, viu pessoal? Aí não é mais as minhas opiniões. Isso tudo é fato. E foi assim. Aí, a gente depois de alguns anos recriou uma residência, criou uma residência, medicina do trabalhador.

TF: Ah, eu sei.

AM: Depois criamos o mestrado, não sei quando vamos criar o doutorado.

TF: E você foi chefe de departamento por um tempo?

AM: Não, não.

TF: Ah, foi subchefe.

JN: Foi vice-chefe, num foi isso?

AM: Da residência, fui vice-chefe da residência. Ah, eu fui subchefe.

TF: É foi subchefe.

AM: Fui subchefe de Fernando Carvalho.

JN: Isso foi subchefe de 97 a 98. [vozes sobrepostas]

AM: Eu fui sub, nunca assumi mesmo, porque Fernando é um monstro para trabalhar, Fernando Carvalho. Eu não me lembrava que eu tinha sido subchefe de Fernando. É verdade. Mas, eu era subchefe mesmo.

[risos]

AM: Eu era mais um cara de [...] sala de aula. Militava, militava muito. De pegar cartaz como eu já disse. Mas eu não me sentia capaz de ser liderança, entendeu? De dirigir. Eu me perdia na burocracia, nas leis. Eu não sei por causa da minha memória, vocês viram minha memória.

TF: Ótima!

JN: Está ótima!

AM: Eu estou com 62. Que nada, que nada. Eu não me lembro de um monte de coisas.

TF: Vamos lá, então eu acho que está, eu acho que está legal.

JN: Acho que está.

AM: Eu agradeço a vocês por me lembrar dessas etapas da minha vida, aí. É como se eu tivesse me lembrando uma parte do meu currículo. [vozes sobrepostas]

TF: Eu te agradeço muito, foi ótimo.

JN: A gente é que agradece, por ter nos recebido.

AM: Eu fui totalmente honesto com vocês, essa é a minha verdade. É a minha versão.